

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

## CRÍTICA AO ESTATUTO CIENTÍFICO DOS “ESTUDOS ORGANIZACIONAIS” A PARTIR DA ONTOLOGIA MARXIANA<sup>1</sup>

Rossi Henrique Soares Chaves<sup>2</sup>  
Janayna de Moura Ferraz  
Henrique Leao Coelho

### RESUMO

Este ensaio tem como objetivo tecer uma crítica ao estatuto científico dos “estudos organizacionais”, com o foco na proposta de uma nova “teoria do conhecimento” realizada por Paula (2015). A tese defendida por Paula (2015) é a de que a incomensurabilidade dos paradigmas, pode ser superada por uma incompletude cognitiva, noutras palavras, a guerra paradigmática é sucumbida para dar lugar à cooperação entre as epistemologias, pois a autora demonstra que existem pontes de diálogos possíveis e, assim, seria possível avançar na produção do conhecimento. Nossa crítica tem como base a ontologia marxiana, cuja essência e aparência possuem uma relação dialética, isto é, no materialismo histórico e dialético, o objeto demanda suas categorias ontológicas por meio das suas múltiplas mediações que formam o concreto pensado, uma reprodução do movimento do real. Sustentamos que a concepção de epistemologia vigente, hegemônica ou não, está comprometida com a sociabilidade capitalista e é, portanto, incapaz de apreender a realidade, pois mascara as contradições reificadas por trás de princípios como progresso, neutralidade, especialização e paradigmas. O critério de verdade na perspectiva marxista se relaciona com a práxis, quando teoria e prática são faces idênticas do mesmo fenômeno, e isso só pode ser alcançado a partir de uma investigação que ultrapassa o “como conhecer” para concentrar-se na totalidade de mediações que formam o objeto estudado. A teoria do conhecimento não deve ser descartada, deve, sim, ser precedida por uma reflexão que possibilite a superação da limitação posta, pois trata-se, sobretudo, de evidenciar que tal(is) episteme(s) está(ão), no cerne de suas possibilidades de conhecimento, comprometida com a reprodução da sociabilidade burguesa, que traz em sua gênese alienação e explicações imediatas e aparentes. Somente a partir do resgate ontológico se torna possível entender a sociabilidade capitalista destes tempos, para que possamos considerar alternativas concretas postas pelas condições atuais para superação da auto-alienação, ou seja, comprometidas com a emancipação humana.

**Palavras-chave:** Ontologia; Epistemologia; Marxiologia

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao CNPQ, à FAPEMIG e à CAPES pelo apoio na realização das pesquisas conduzidas pelo Núcleo de Estudos Críticos, Trabalho e Marxismo (NEC-TraMa), vinculado ao Centro de pós-graduação e pesquisas em administração da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPEAD-UFMG).

<sup>2</sup> rossichaves@hotmail.com

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

## 1 Introdução

A discussão acerca da constituição do saber pelos cientistas tem ocupado lugar importante quanto as formas e os fins das ciências sociais (NETTO, 2011). Na tradição sociológica, pensadores como Durkheim, Weber, Simmel e Marx (vejamos a imposição de um equívoco: Marx é incluído entre a tradição sociológica, ciência parcelar) ocupam lugar privilegiado, tal a envergadura de suas obras que dirigem o conteúdo e a forma das ciências sociais. Nesse caminho, cada um desses pensadores acabou por influenciar diferentes percepções de trabalho científico da área (ARON, 1999), perpassando pelo positivismo, pelo historicismo e pela hermenêutica, em outros casos, pela fenomenologia (Schutz e a escola sociológica americana, passando ainda pelo interacionismo simbólico, pelo construcionismo social e pela etnometodologia), assim como pelo Materialismo Histórico.

O objetivo deste texto consiste em demonstrar como essas teorias não se equivalem em termos de concepção de mundo e, especialmente, como a estatura ontológica do pensamento de Marx, do materialismo histórico e do método científico dialético, permanece colado à sua dimensão ontológica, à sua “filosofia primeira” - nas palavras de Aristóteles - superando o estatuto epistemológico das perspectivas anteriores e assim mantém-se até os dias atuais. Superação que, mesmo tendo passado mais de 150 anos, ainda não foi bem compreendida pelos cientistas, que realizam uma concepção marginal no fazer científico em razão dos desdobramentos da própria necessidade do movimento de produção e acumulação do capital, como veremos neste texto.

Dentre as diferenças fundantes entre a ciência burguesa e o pensamento de Marx, destacamos a categoria totalidade, central para apreensão necessária do real concreto. Lembremo-nos que no método positivista (e seus desdobramentos) o objeto é fragmentado em partes menores cada vez mais especializadas que formam as disciplinas. A multi-interdisciplinaridades são consequências de tentativas institucionais de conciliar o conhecimento que o desenvolvimento da ciência capitalista separou, obviamente, tal empreendimento tem uma intencionalidade e atende a grupos específicos, portanto, superar “as disciplinas”, consistem em adotar a categoria totalidade e assumir um lado enquanto classe social.

A dimensão da totalidade social, mais especificamente, a totalidade da sociabilidade capitalista, leva em conta as diversas determinações constitutivas do social, tendo como traço fundamental a esfera econômica ou, para sermos mais precisos, as condições concretas de (re)produção da vida, isto é, a relação capital-trabalho. Assim, para compreender esta forma de sociabilidade, no sentimento de apreender o maior número de determinações engendradas por ela historicamente, entendemos que é a base ontológica do pensamento marxiano que nos permite apreender a reprodução do ser social nas mais diversas esferas de atividades componentes desse complexo de complexos.

Ademais, o estágio atual da ciência social ainda carrega de sua gênese a herança das ciências naturais, consequência de mais uma das atividades engendradas pelo sistema de capital. Vejamos que o positivismo, hegemônico na ciência natural, transporta a tradição epistemológica naturalista para o campo das ciências humanas, operando cientificamente a função ideológica burguesa, pois fetichiza as relações sociais particulares do capitalismo, reduzindo o sujeito cognitivo como a-histórico. Nesse

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

caminho, as ciências sociais surgiram em busca de respostas para problemas decorrentes, principalmente após a revolução industrial em meados do século XVIII, operando uma redução de conhecimento manifesto em sua perda ontológica, endossada na célere parcelarização das ciências e na análise circunscrita à imediaticidade, ao empírico, ao aparente e a seu aporte gnosiológico, isto é, mesmo quando se punha na intenção genuína de investigar a realidade, a exemplo dos economistas clássicos como Smith e Ricardo, os achados científicos estavam na aparência do fenômeno, ou seja, não consideraram a historicidades das categorias (o sistema capitalista é histórico, portanto, humano e passível de mudança), desprezaram as contradições existentes (capital *versus* trabalho etc) e buscaram simplificar a realidade, partindo da realidade e sua complexidade para a uma simplificação, um conceito disciplinar, como se a realidade coubesse num verbete, perdendo, assim, a totalidade. Ainda mais grave são os economista que sucederam os clássicos, o que economistas vulgares, como Marx (2011) os chamou, estes segundos apenas atuavam na formação das ideias burguesas, sem qualquer compromisso científico. Foi esse panorama que se influenciou fortemente as ciências sociais.

Como apontou Karl Marx na célebre passagem n' *O 18 de Brumário* (2011, p. 25), “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram”, logo, toda produção científica, principalmente as que são hegemônicas, assim como os pesquisadores, são um produto histórico decorrentes da própria ação desses indivíduos, com efeito, não convém entendê-la como natural e dada, mas sim em suas determinações históricas dentro do conjunto das transformações sociais, sendo tal entendimento necessário à compreensão da perenidade da “perpetuação da sociedade de mercadorias” (MÉSZÁROS, 2006, p. 294).

Não obstante, a ciência positivista, “paradigma” epistemológico hegemônico, tem sido largamente utilizada nos estudos sociais, especialmente nos estudos sobre organizações. A partir de meados do século passado, a disputa pela hegemonia do estatuto de ciência por diferentes formas de produzir conhecimento acirrou-se. Disputa que produz, na esfera da ciência, a sensação de que pouco se avança na construção de explicações sobre o mundo social.

Recai, assim, sobre o argumento da incomensurabilidade dos paradigmas, a responsabilidade pela ausência de respostas que solucionem os problemas sociais, sejam eles quais forem. A tese defendida por Paula (2015) é a de que a incomensurabilidade dos paradigmas, pode ser superada por uma incompletude cognitiva, noutras palavras, a guerra paradigmática é sucumbida para dar lugar à cooperação entre as epistemologias, pois a autora demonstra que existem pontes de diálogos possíveis. E, assim, seria possível avançar na produção do conhecimento. Paula (2015) propõe a superação do quadrante de Burrell e Morgan (1979), por uma concepção cíclica, o círculo das matrizes epistêmicas que são formadas por três interesses cognitivos (primado subjetivo) distintos e complementares. A matriz empírico-analítica que tem interesse técnico, uma lógica formal guiada por uma filosofia positiva. A matriz hermenêutica que tem interesse prático, uma lógica interpretativa alicerçada por uma filosofia hermenêutica. Por fim, a matriz crítica, com interesse emancipatório, que segue uma lógica dialética lastreada por uma filosofia negativa.

Paula (2015) reforça a ideia de que as três matrizes, juntas, representam o encontro do conhecimento consigo, ou seja, não apenas a realização das inovações como também

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

diálogo e reflexão, num novo encontro entre a ciência (que deriva da natureza, transforma-se em fato, em trabalho e gera o interesse técnico) e a filosofia (vinda do espírito, que precisa da especulação, da interação e gera o interesse prático e, mais adiante, o interesse emancipatório). Compreendemos que a possibilidade de união entre técnica, prática e crítica, como foi defendida por Paula (2014, 2015, 2016) se apresenta aparentemente inspiradora, entretanto, desconfiamos que há pouco espaço para o surgimento da verdadeira apreensão objetiva da realidade, isto é, da essência de seu conjunto integrado de determinações.

Na constituição dos paradigmas sociológicos, Burrell e Morgan (1979), inspirados nas revoluções científicas de Thomas Kuhn (1962), buscaram explicar o desenvolvimento das ciências sociais semelhante ao que ocorre nas ciências naturais, tal como se o surgimento de uma nova descoberta fosse suficiente para inutilizar o paradigma anterior, a exemplo da teoria eletromagnética de Maxwell superada por Einstein. No modelo do quadrante proposto por Burrell e Morgan (1979), o paradigma funcionalista não era o único meio de se estudar as organizações, (porém os autores não se isentaram de demonstrá-lo como a “ciência normal” em detrimento das demais; a mais forte e politicamente superior), entretanto, além da perspectiva positivista, os pesquisadores dispunham de mais três possibilidades sociológicas epistêmicas para perscrutar o conhecimento. Ora, tal divisão em quatro paradigmas está para além das revoluções científicas de Kuhn, pois o modelo adotado não apenas apresenta o que seria o “modelo” das ciências naturais como também tenta conciliar outras perspectivas para atender às peculiaridades das ciências sociais. As ciências sociais, em razão da complexidade de seu objeto, uma vez que sujeito e objeto na ciência social estão imbricados, possuem maior dificuldade de apreensão objetiva. Parece-nos uma relativização da realidade, e isso esconde as contradições da sociedade atual.

Ademais, nos últimos anos, têm crescido a discussão sobre a fragmentação da ciência em razão de sua delimitação em quatro paradigmas incomensuráveis (BO et al, 2015; PAULA, 2015), e como afirmamos anteriormente, essa fragmentação da ciência, de inter- multi-transdisciplinarietà, em uma sociedade delimitada por conflitos sociais antagônicos e inconciliáveis (capital *versus* trabalho), marcada pela perda de uma matriz ontológica, como a que vivemos, representa o que apontou Tonet (2016, p. 17): “o surgimento de esferas de atividade, como uma especificidade e uma legalidade próprias, - tais como arte, religião, política, ciência, direito, educação, etc.- que cumprem, cada uma, determinadas funções nesta reprodução”. Nesse sentido, a área da produção científica contemporânea, nos diversos âmbitos da educação (escolas, universidades e etc), tem na reprodução desse modelo de sociabilidade ancorada no capital, o principal estímulo para o seu “progresso”, pois a produção científica de cunho epistemológicos-gnosiológicos já nascem comprometidas com princípios guias de produtividade e eficiência dentro dessa dinâmica social bem definidos.

É nesse contexto de fragmentação do conhecimento e “crise paradigmática” que Paula (2015) lança luz sobre um repensar para os estudos organizacionais ao apresentar uma nova teoria do conhecimento, lastreada pelos estudos de Habermas sobre a teoria comunicativa. Destacamos que a proposta do círculo das matrizes epistêmicas busca reconciliar a ciência com a filosofia, sem, contudo, privilegiar alguma delas, apesar disso, a nova teoria não reivindica uma matriz ontológica, o intento consiste na mediação da



# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

filosofia como guardador de lugar da reflexão, uma vez que a ciência foi perdendo a capacidade de se autoquestionar.

Antes de aprofundar a discussão acerca das matrizes epistêmicas, cabe fazer uma reflexão sobre a visão de Paula (2015, p.114) acerca do mundo científico e o indivíduo, para ela, “o pesquisador deveria assumir que é responsável eticamente pelo conhecimento que produz, pois ele não é isento de ideologias, não é neutro em relação aos valores e precisa ser consistente do ponto de vista epistêmico”. Assim, revelamos o seu próprio equívoco de manter o estatuto da ciência social amparado pelos desígnios do positivismo, pois ainda que combinado com outras abordagens, o gnosiologismo não possui a potência necessária para superar o status da aparência fenomênica, de maneira que, no limite, a efetividade e originalidade de sua proposta está tão somente na reforma das teorias de conhecimento atual. No trecho supracitado, Paula não assumiu e nem apontou que o pesquisador precisa assumir que é responsável eticamente pelo conhecimento que produz frente a uma classe social, e como parte da ciência burguesa demonstra, queira ou não, de que lado o pesquisador estará, logo, se isentar de ideologias ou não, mas se manter sob o ponto de vista gnosiológico é permanecer responsável pela produção de um conhecimento que reproduz o modelo de sociabilidade em que vivemos.

Aprendemos com a professora Ana Paula Paes de Paula que um pesquisador deve ser livre para buscar o seu caminho e, assim, questionar o que está posto, mantendo uma atitude crítica e coerente de respeito e diálogo pois, dessa maneira, a construção dos saberes é favorecida. Seu exemplo nos inspira a traçar a nossa rota e estabelecer uma ponte para superar o conhecimento instituído nas ciências sociais e as possibilidades de resolução até então postas.

Nós concordamos com Paula (2015), que os paradigmas não servem para estudarmos as ciências sociais. Limitam, determinam, fragmentam permanecendo na aparência dos eventos contribuindo muito pouco para o desenvolvimento da ciência em seu prisma social, entretanto, a solução proposta por Paula (2015) contribui apenas para uma reforma desse “problema” identificado, uma vez que sua matriz clama por uma transdisciplinaridade, por acreditar que há uma necessidade de comunhão das disciplinas, como se esse caminho fosse o bastante para superar os problemas diagnosticados, vimos que a questão vai além da intencionalidade, e que se a totalidade não é reivindicada, a fragmentação é perenizada. Em síntese, Paula (2015) se atém a reproduzir a mesma concepção que critica por não investigar o estatuto ontológico e por não partir de uma dimensão ontológica, mas sim, estabelecer-se na tentativa de remendar os fragmentação do conhecimento, sem se dar conta a separação existente entre ciência e filosofia é necessária para ocultar o estatuto científico vigente, superar isso implica em negar a ciência capitalista. Não obstante, a autora não reconhece a arbitrariedade abstrata que reside no termo “organização”, tal como mostrou Paço-Cunha (2010), perpetuando a tradição weberiana dominante na área. Para nós, seguindo a tradição do materialismo histórico, uma superação das disciplinaridades da área passa, centralmente, por essa questão, isso fica mais evidente na medida em que colocamos o panorama de superação dessa realidade.

Diante desse contexto, nosso ensaio tem como objetivo tecer uma crítica ao estatuto científico da Matriz Cíclica dos “estudos organizacionais” **a partir da ontologia marxiana**, uma vez que ciência para Marx se assenta sobre a ontologia, cujo método científico posiciona-se num segundo momento, em razão do materialismo histórico. Nesse

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

caminho, para que a ciência consiga se apropriar da verdade em sua abrangência e essência, deve livrar-se da ideologia-ciência positivista e de outras epistemologias, que relegam, desde o início, a questão ontológica. Como já afirmamos, o positivismo é o empreendimento científico da decadência ideológica burguesa em razão de sua acentuada limitação de conceber-se como ciência: a) a-histórica, b) naturalista (portanto, fetichista), c) fragmentária e d) empirista. Vale ressaltar que não se trata de um “descarte” do conhecimento produzido por todas essas matrizes, entretanto, em Marx, essência e aparência possuem uma relação dialética, e se as várias epistemes captam apenas aspectos da aparência, é necessário o não descarte apriorístico do conhecimento dentro dessas epistemes, mas submetê-los a uma reflexão que possibilite a superação da limitação posta, pois trata-se, sobretudo, de evidenciar que tal episteme está, no cerne de suas possibilidades de conhecimento, comprometida com a reprodução da sociabilidade burguesa.

O materialismo histórico dialético parte do interesse pelo objeto, pelo Ser, pela lógica específica do objeto, guiado pelo objetivo de explicar a realidade a partir do real concreto, superando assim o estudo estagnado na aparência, para chegar até a essência do que se apresenta empiricamente como fenômeno imediato (NETTO, 2011) e por isso, não pode ser dividido em interesses ou mesmo disciplinas, pois tem a totalidade como sua categoria fundante.

## **2 A concepção de paradigmas e epistemologias como estatuto científico dos “estudos organizacionais”: o círculo das matrizes epistêmicas**

Diante da vasta literatura existente acerca da temática, não nos aprofundaremos na reflexão e demonstração dos paradigmas sociológicos, cabe situar a discussão (dado que os autores são focos da crítica realizada por Paula (2015)) para assim caminharmos para a exposição da proposta de uma nova “teoria do conhecimento” realizada por Paula (2015).

Como ressaltamos anteriormente, a partir da década de 70, Burrell e Morgan fizeram o exercício<sup>1</sup> de sistematizar as diversas vertentes de análise relacionando-as a paradigmas sociológicos. Esta discussão realizada pelos autores tem forte influência do momento científico da época, principalmente da obra realizada pelo físico e filósofo Thomas Kuhn<sup>2</sup> que resgata a noção de paradigma a fim de delimitar os conflitos existentes entre as diversas discussões científicas. Nesse sentido, Burrell e Morgan dividiram as correntes de análise organizacional de acordo com suas concepções científicas em quatro “paradigmas”: funcionalismo, interpretativismo, humanismo radical e estruturalismo radical.

Os autores, a partir disso, propõem um diagrama de paradigmas sociológicos. Esse debate ganha muita evidência nos estudos organizacionais e serve quase como um “mapa direcional” adotado no ensino das pós-graduações em Administração no Brasil.

Segundo Burrell (1998, p.447):

Deve ser dito que paradigmas definem, em um sentido acordado e profundamente assentado, uma forma de ver o mundo e como este deveria ser estudado, e que este ponto de vista é compartilhado por um grupo de cientistas que vivem em

<sup>1</sup> Referência à obra “Sociological paradigms and organizational analysis” de 1979.

<sup>2</sup> Referência à obra “A estrutura das revoluções científicas” de 1962.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

uma comunidade marcada por uma linguagem conceitual comum, que buscam fundar um edifício conceitual comum, e que são possuídos por uma postura política muito defensiva em relação aos de fora.

Desde seu lançamento, os quadrantes de Burrell e Morgan (1979) influenciaram fortemente os estudos sociais como também geraram muitas críticas. Especialmente na última década, a crise paradigmática (BO et al, 2015) se acentuou, sobre isso Paula (2015) afirma que a guerra paradigmática tem gerado mais feridos que conquistas; concordamos, mas vale ressaltar que o palco dessa “batalha” é uma sociedade dividida em classes sociais distintas, cujo não questionamento da sociabilidade burguesa faz recair sobre as classes inferiores os reflexos deletérios dessa “guerra científica”.

De acordo com Paula (2014, 2015), a incomensurabilidade dos paradigmas defendidos pelos seus autores e também por pesquisadores mais ortodoxos de seus campos, tem gerado um solo estéril, incapaz de promover um campo propício para superação dos velhos preconceitos e surgimento de novos conhecimentos. Os paradigmas, assim como campos diferentes, tendem a dar ao seu grupo uma ideia de terreno a ser protegido contra os invasores (BURKE, 2003), gerando uma fragmentação nos estudos organizacionais<sup>3</sup> (SIEGLER; BIAZZIN; FERNANDES, 2014). Tal cenário preocupa os pesquisadores comprometidos com as ciências sociais, em especial aqueles com maior interesse cognitivo voltado para a crítica.

Algumas tentativas foram realizadas no sentido de propor novas “teorias do conhecimento”, a maior parte delas no exterior e, nesse movimento, Paula (2015) apresentou uma nova teoria do conhecimento, a obra “Repensando os Estudos Organizacionais”. A base teórica para desenvolvimento deste trabalho encontra-se em Habermas, assim, a proposta tem como sustentação teórica a teoria comunicacional, sobre a qual é construída a proposta que do círculo de matrizes, como superação dos quadrantes, ratificamos que não se limita a uma mudança da forma de representação geométrica, a simbologia reflete sinteticamente a mudança na dinâmica proposta, isto é, sai a incomensurabilidade paradigmática e no seu lugar entra a incompletude cognitiva. Paula (2015, p. 116) explica que “as abordagens sociológicas produzem suas teorias e metodologias e se orientam de acordo com três matrizes epistêmicas, que se inspiram em uma filosofia e lógica de pensamentos particulares”. Desse modo, ao invés da rigidez de quadrados que pré-determinam os passos de uma pesquisa, o pesquisador conta com um círculo de matrizes com interesses cognitivos distintos que podem ser combinados para transcender a incompletude das teorias.

A justificativa é que as matrizes promovem um reencontro entre a ciência e a filosofia, não havendo uma supremacia de uma sobre a outra. A filosofia recupera a reflexão perdida pela ciência no decorrer dos anos e tem a missão de direcionar a criação do conhecimento para benefício da humanidade (PAULA, 2015). Ou seja, promove-se uma junção entre um conjunto distinto de filosofias e de resoluções científicas promulgando, através da complementaridade epistemológica, um conhecimento mais rigoroso e aprofundado. Entretanto, em sua proposta “missionária” ambas estão - filosofia e ciência - submetidas ao interesse do capital, à manutenção da sociabilidade burguesa.

---

<sup>3</sup> Ressaltando que “estudos organizacionais” é uma reificação do termo organização, ou seja, já parte da naturalização do sistema capitalista.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A essa altura, apresentamos a imagem que representa o círculo das matrizes epistêmicas na figura 1, visando sua didática. Na sequência, apresentaremos cada uma das matrizes.

**Figura 1: Círculo das matrizes epistêmicas, abordagens sociológicas, teorias e metodologias**



Fonte: PAULA (2016, p. 35)

Paula (2016, p.35-36) resume que

Cada uma dessas matrizes deriva de uma noção específica de ciência em Jürgen Habermas (1968/1982), referindo-se a um marco epistemológico, mas considerando que cada uma delas também envolve questões axiológicas e ideológicas, ou seja, se move em um domínio político, também se direciona para um tipo particular de interesse cognitivo.

A **matriz empírico-analítica** é guiada por uma filosofia positiva, por uma lógica formal conduzida por valores de conhecimento útil, controle e predição. Busca explicações causais e adota uma postura de neutralidade axiológica. Assemelha-se ao atual paradigma funcionalista e é utilizada por parte considerável dos estudos na administração.

A **matriz hermenêutica** e sua filosofia hermenêutica usam de lógica interpretativa, cujas palavras e seus símbolos têm grande relevância para a explicação da realidade. Sua preferência é a prática<sup>4</sup>. Rejeita o objetivismo, visto que a compreensão é processo intersubjetivo. Seu alvo são os símbolos e não os fatos. A metodologia deve refletir as regras da prática da pesquisa, buscando estabelecer conexões epistêmicas significativas ao invés de submeter-se a princípios abstratos válidos para deduções e linguagem formalizada.

<sup>4</sup> Mas deixa em aberto que tipo de prática.



# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

A **matriz crítica**, ao seu turno, inspira-se numa filosofia negativa, não quer o rigor no sentido das proposições, mas as contradições do real. Sua lógica é dialética e o interesse emancipatório. Embasada em Adorno, Paula (2015) defende que a ciência precisa ir além de sua aplicação metodológica, pois isso seria apenas técnica, para ela a ciência deve estar comprometida com formação de uma teoria do conhecimento.

Essas matrizes podem ser adotadas em sua forma pura, detendo-se apenas à um tipo de interesse cognitivo ou podem gerar reconstruções epistêmicas, entendidas como abordagens híbridas para superar uma incompletude cognitiva e abrangerem outros interesses cognitivos em suas pesquisas (PAULA, 2015). As formas puras (figura 1) foram vistas acima e as formas híbridas mapeadas e explicadas por Paula (2015) são três: o estruturalismo (interesses técnico e hermenêutico); o pós-estruturalismo (interesse hermenêutico e crítico) e realismo crítico (os três interesses: crítico, hermenêutico e técnico).

Segundo Paula (2015), há uma hierarquia, pois não há crítica antes de haver técnica e prática, assim, a matriz crítica prescinde das outras duas para exercer sua função. Ademais, a busca do conhecimento social em sua forma totalizante deveria passar pela objetivação da técnica, pela interpretação dos símbolos e finalmente, pela reflexão e pela subjetividade dos indivíduos, sendo estes, objeto e ao mesmo tempo sujeitos da história.

Esses pontos apresentados são a base da proposta de uma nova “teoria do conhecimento”, e o que se segue doravante é por parte da autora a defesa da teoria baseada em duas teses, a **incompletude cognitiva e a tese das reconstruções epistêmicas**.

Paula (2015) defende, retomando Habermas, que essa nova forma de fazer ciência parte do princípio que a hermenêutica deveria ser uma ciência universal, e um dos caminhos para se conseguir isso seria pelo fato de que os interesses do conhecimento assumem um status empírico, que por sua vez dependem de “reconstruções epistêmicas bem sucedidas”. A noção de “incompletude cognitiva” representa também um impulso para o avanço do conhecimento, pois representa uma limitação diante da investigação de fenômenos sociais, o que faz com que os pesquisadores procurem novas explicações para os fenômenos e novas soluções para os problemas sociais, que demandam as reconstruções epistêmicas.

### 3 Crítica do estatuto científico dos “estudos organizacionais” a partir da ontologia marxiana

Diferentemente de autores como Weber, Simmel ou Durkheim, Karl Marx não deixou um método escrito e sistematizado (NETTO, 2011), nem poderia fazê-lo, visto que sua intenção de pesquisa é ontológica. Assim, para que se possa compreender o método marxiano, faz-se necessário conhecer a teoria do ser social marxiana, o materialismo histórico, e neste método, o objeto que demanda sua maneira de conhecê-lo<sup>5</sup>.

Uma proposta de análise marxista das organizações, ou mesmo uma crítica marxiana das teorias do conhecimento produzidas na área de estudos organizacionais, precede de alguns apontamentos. O primeiro deles é o feito por Paço-Cunha (2010), que demonstra que a categoria “organização”, quando analisada na perspectiva marxiana,

<sup>5</sup> Razão pela qual Marx não deixou livros de metodologia. E também porque o objeto que demanda suas categorias, não o inverso como ocorre na ciência positivista.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

trata-se de uma abstração arbitrária<sup>6</sup>, ou seja, que não se baseia em uma lógica ou razão científica, o grau de cientificidade buscado nos objetos sempre pressupõe sua historicidade e sua particularidade no modo de produção capitalista, sendo assim, a categoria ‘organização’ como é tratada pela matriz teórica, principalmente de raiz weberiana - que predomina nos estudos organizacionais - não consegue expressar como também acaba por eliminar, ou “mascarar” todos os elementos que sob a forma particular determinam a relação social de produção exclusivamente capitalista como relação de valorização do capital.

Ainda nesse sentido, Paço-Cunha (2010) é categórico ao dizer - e nos parece que de forma acertada - que a organização burocrática tipificada até aqui no modo de produção capitalista se manifesta das mais diferentes formas, com as mais diversas instâncias de controle, e é uma forma hegemônica de dominação que representa a necessidade de universalizar interesses particulares (privados) burgueses. Pela própria característica constitutiva do campo dos estudos organizacionais, são diversas as maneiras como as pesquisas realizadas tratam do termo organização, desde a ideia geral baseada no tipo ideal burocrático weberiano, até às mais variadas maneiras de organização da vida humana.

Quanto ao desenvolvimento dessa composição científica dessa área, Carrieri e Paço-Cunha (2009) discutem como isso tem sido realizado e em que ponto isso converge com a própria superação dos estudos organizacionais, eles chamam atenção sobre a falsa ideia de que os estudos organizacionais são simplesmente uma conversação entre as diversas formas de organização que compõem o real social. Isso, por vezes, é colocado em estudos que tratam de formas alternativas de regulação da vida humana, quando tais formas são ainda tratadas de maneiras isoladas e particularizadas, tornando-se um fim em si mesmo. O que o reflete a produção científica parcelar de nosso tempo<sup>7</sup>. Dessa forma, afirmar a superação dos estudos organizacionais não se trata apenas do reconhecimento das formas burocráticas tradicionais e a transposição para formas alternativas e contra-hegemônicas que se manifestam das mais diferentes maneiras no mundo da vida e no mundo do trabalho. Trata-se, sobretudo, da superação desses estudos enquanto isolados e desconexos da produção científica geral, pois, “a compreensão adequada não está na especificidade de um momento isolado mas nos nexos que tal momento mantém na produção geral da vida humana, isto é, a vida organizada ou a reprodução da vida dos homens uns com os outros...”, como apontam Carrieri e Paço-Cunha (2009, p.15).

O segundo apontamento precede da própria concepção científica do real e, por conseguinte, da concepção da maneira se constitui qualquer tentativa de construção de uma teoria do conhecimento a partir do primeiro apontamento. Posto de forma mais objetiva, quando o tratamento científico é analisado do ponto de vista marxiano, trata-se de considerar a gênese ontológica dos conceitos e as categorias que constituem e determinam a sociabilidade humana. Isso acontece porque, diferentemente dos filósofos e

---

<sup>6</sup> Sobre a importância das abstrações no pensamento de Marx, assim como aceção mais completa do conceito ver “Chasin: Estatuto ontológico e resolução metodológica, capítulo ‘Da teoria das abstrações à crítica de Lukács’”; “Lukács: Ontologia do ser social I, capítulo IV ‘Os princípios ontológicos fundamentais de Marx’”; “Montaño e Bastos (orgs.): Conhecimento e sociedade - ensaios marxistas, capítulo ‘Lukács: O método e seu fundamento ontológico’ de Sergio Lessa”.

<sup>7</sup> Diversificação de abordagens que são características das ciências sociais (filosofia, sociologia, psicologia, economia, etc).

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

demais cientistas que o precederam, Marx dedicou especial atenção a evidenciar como o mundo material - aquele que constitui o cerne da sociabilidade humana - estabelece as relações sociais de produção. Dessa maneira, entender as relações sociais carece de um dimensionamento ontológico do real concreto tal qual ele se apresenta, o mundo material condiciona o mundo das idéias, sem, contudo, determiná-lo.

Paço-Cunha (2010) ao evidenciar uma crítica à “abstração burocrática” weberiana, aponta que com o advento da análise sobre os “paradigmas organizacionais”, comentados aqui de forma breve, e também outras análises nessa linha - como o caso da realizada por Paula (2015) - acabam indicando a amplitude de estudos que compõem os estudos organizacionais, contudo, em nenhuma delas é abandonado a acepção acerca da organização burocrática ou da relação associativa racional como um tipo ideal, o que acaba por caracterizar de forma comum os estudiosos dos estudos organizacionais numa matriz teórica weberiana. Ainda segundo Paço-Cunha (2010, p.26):

Foi, portanto, a partir dessa resolução fundamental na esfera da sociologia weberiana, qual seja, a abstração das diferenças, que os estudos organizacionais tornaram-se possíveis na grande diversidade que desde 1965 se pode constatar com muito pouco esforço, até o ponto de compor uma grande e amorfa área de estudos teóricos e empíricos que contemplam as mais variadas perspectivas. O desenvolvimento de tamanha variedade de perspectivas e tematizações talvez se assente precisamente sobre o caráter abstrato desse conceito.

É importante instaurar explicitamente, ainda que de maneira sintética, a diferença que engendra a crítica à inovação do círculo de matrizes. O aspecto epistemológico, aquele que se preocupa com a constituição do saber pela visada subjetiva, é o “como saber” presente na subjetividade ou no sujeito cognitivo, operando-se como imputação subjetiva sobre a realidade. O aspecto ontológico, por sua vez, se preocupa com o ser, com o que é, com a totalidade real objetiva. Vejamos que a questão ontológica e a questão gnosiológica-epistemológica são bastante diferentes. A ontologia está na afirmação do ser enquanto tal, é totalidade objetiva em toda independência da inteligência. A gnosiologia-epistemologia, por sua vez, é uma preocupação necessariamente subjetiva, colocada estritamente no círculo do sujeito cognitivo. Essa diferença será mais realçada a frente.

Ao tratar da “incompletude cognitiva” Paula (2015) destaca a sua preocupação não com a realidade e a lógica interna do objeto, mas com a realidade apreendida pelo sujeito cognoscível em sua relação direta com o objeto, logo, uma realidade subjetiva do objeto, cuja apropriação do real se vincula à sua forma imediata e aparente. Sendo assim, na proposta feita por Paula (2015), embora fique evidente a preocupação com uma correspondência entre conhecimento e realidade, não supera a aparência dos fenômenos, dando teor de essência ao que é fenomênico (aparente) e sua empreitada científica arquitetada, isto é, constrói objetos, desprovendo-os da realidade em si, de sua lógica reveladora, exterior e independente dos procedimentos científicos.

Logo, a própria “incompletude cognitiva” e as “reconstruções epistêmicas” são movimentos que realizados na busca de novas respostas para o real, porém, como não são realizados numa lógica ontológica imanente, geram, a partir de uma matriz interdisciplinar, o mesmo engodo epistemológico-subjetivista-formal, que almeja superar, ou seja, a combinação de teorias realizadas na matriz circular permanecem desprovidas de ontologia. Assim, a junção proposta é uma junção de perspectivas subjetivas, uma somatória de imposições subjetivas sobre o real, sem relação com a totalidade objetiva e a

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

reciprocidade das determinações específicas do ser social. Entendemos, então, que prevalece na proposta de Paula (2015) uma análise gnosiológica. Tal predominância da gnosiologia representa uma inclinação que Lukács (2012, p.19) aponta como

...contínuos compromissos metodológicos que põem de lado o problema ontológico fundamental da especificidade ontológica do ser social e enfrentam as dificuldades cognitivas dos setores singulares de modo puramente gnosiológico ou puramente metodológico, epistemológico.

Partindo da constatação de que Marx fundamentou as bases de uma nova ontologia, renegando as ontologias cosmológicas/metafísicas, engendrando, destarte, a ontologia do ser social, e tendo essa acepção como nosso guia reflexivo, é possível, de início, delimitar que não há congruência dessa análise com a gnosiologia e o conseqüente afastamento da concepção de epistemes, isto é, não há em Marx o compromisso para a criação de uma teoria de conhecimento. É Lukács quem fornece as bases teóricas para essa defesa e na qual nos apoiaremos para realizar a devida argumentação. Assim, afirmar que a análise de Marx é ontológica, consiste em afirmar que suas reflexões se referem a um certo tipo de ser, logo, sua preocupação está longe de ser com a construção ou delimitação de epistemologias, de maneiras a proceder subjetivamente para construir por meio desse caminho planejado puramente mental, a via para a verdade. O que leva ao caminho da Verdade é a própria lógica presente no objeto, sua própria dimensão imanente para além do momento aparente de sua manifestação.

Marx (2011) explica que é necessário buscar a essência dos fenômenos e isso pode ser alcançado ao superar a aparência. O caminho não deve ser feito do concreto para o abstrato, do completo para o mais simples, como tem sido feito pelos cientistas. Ao revés, deve-se partir do próprio objeto em estudo e suas múltiplas aparências, sair do mais simples e suas relações mais aparentes para poder compreender o problema em suas determinações integrais e recíprocas mais completas, que é mais complexo. “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (MARX, 2011, p.54).

Marx (2001; 2008; 2013) analisa criticamente a obra dos economistas clássicos como Smith e Ricardo e faz comentários elogiosos à intenção de se descobrir o que se passa com o mundo naqueles idos do século XVIII, no entanto, não os isenta da parcialidade de seus resultados em razão do erro no reconhecimento das categorias, por se deterem às aparências dos fenômenos. Entretanto, o que Marx realiza não é uma crítica epistemológica do conhecimento produzido por eles, mas sim, como apontou Chasin (1988, p.22)

“Ela (a crítica) é uma determinação ontológica do cerne da atividade humana a partir de sua autoprodução, ou seja, Marx não se volta, por exemplo, para tentar construir uma teoria do desenvolvimento no sentido de ter uma técnica de intervenção para retificação dos processos econômicos. O que interessa a Marx é compreender a lógica do capital para encontrar um modo pelo qual este capital possa ser superado”

Em resumo, o que suscita a crítica realizada pelo mouro é a perspectiva do real, através de uma perspectiva ontológica, e não a intenção de construção de uma nova teoria do conhecimento, entre outras coisas porque a práxis é o meio pelo qual se manifesta a sua



# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

crítica teórica às interpretações clássicas, Marx estava preocupado não somente em criticar teoricamente mas intervir na realidade para transformá-la.

Podemos voltar à explicação precisa da divergência entre prisma ontológico e prisma gnosiológico. Utilizemos como exemplo o caso platônico e o caso hegeliano. Em ambos os casos estão colocados o dimensionamento ontológico, seja pelo “mundo das ideias” platônico, seja pela Razão hegeliana. Nesses casos, o mundo das ideias e a razão não aparecem como atributo interno da consciência, ou da subjetividade, mas como realidades totais objetivas, instauração objetiva do universal, da constatação do ser enquanto ser. É certo, porém, afirmar que nesses casos, a totalidade aparece por meio do Idealismo Objetivo, mas, ainda assim, como preocupação ontológica, como filosofia primeira.

É valoroso relatar que a ontologia do ser social apreendida por Marx<sup>8</sup>, tem como base a produção e a reprodução da vida humana, logo, a apreensão do que existe, do real, deriva de todos os objetos, relações e vínculos estabelecidos pelo ser social, é nessa relação que, para Lukács (2012), o trabalho assume uma preponderância diante de todas essas formas de sociabilidade. O que é o é sem que a inteligência, sem que a possibilidade ou a preocupação do saber possam se por como constitutivos do Ser. É assim que a explicação metafísica supracitada (Idealismo Objetivo) aparece como delimitação do real, como ordenação objetiva e independente deste real. O pensar enquanto atributo da subjetividade só pode aparecer nesse caso como apropriador do real, como preocupação derivada e não, como afirma Chasin (1988), como afirmação instauradora, como se dá no caso epistemológico ou no hibridismo epistemológico que não substitui o “desprezo” pelo objeto, nem o superlativismo do aspecto subjetivo.

O que está colocado no círculo de epistemes pode ser entendido como sintoma da dissolução da ontologia feita nos últimos 200 anos. É possível afirmar que o aspecto cognitivo presente e hegemônico contido na proposta de Paes de Paula (2014, 2015, 2016) lastreada em Habermas (1976), nada reflete a mais do que a própria hegemonia gnosiológica e a supressão do primado ontológico. Temos a ciência que parte exclusivamente do sujeito-pesquisador, que opera a perda da coisa, do ser, da integralidade do real.

Podemos oferecer explicativamente, como se refere Chasin (1988), que essa perda começa em Descartes e Kant, através de sua reviravolta subjetiva-epistemológica, mais precisamente no seu Idealismo Subjetivo. A Verdade, o Ser, fica circunscrito à construção da subjetividade. A realidade é concebida sem independência, existindo na capacidade subjetiva de percebê-la, pensá-la. O conhecimento do sujeito não se apropria da totalidade do real, ele organiza-o. O que em uma primeira vista pode aparecer como ontologia da subjetividade pode ser tido, em última instância, como negação da ontologia propriamente dita. A discussão de epistemologias, mesmo de variedades metodológicas, persevera o empobrecimento da teoria. Como cita Chasin (1988, p. 38):

Koyré, num estudo sobre Descartes, faz uma sugestão muito estimulante, apesar dele estar ligado à fenomenologia, mas ele afirma que há filosofias de épocas felizes e filosofias de épocas infelizes. Nas épocas felizes onde as harmonias estão presentes prevalece o cosmos, prevalece a ontologia; nas

---

<sup>8</sup> Lukács (1969, p.15) diz que “o objeto da ontologia marxista, diferentemente da ontologia clássica e subsequente, é o que existe realmente: a tarefa é a de investigar o ente com a preocupação de compreender o seu ser e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior.”

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

épocas infelizes, nos momentos de crises, perdida a confiança no mundo, o homem se volta a sua interioridade. Exemplificando: Sócrates é o momento filosófico da crise grega, é quando o mundo grego já perdeu claramente a pujança de suas harmonias. Sócrates então recomenda, como sabedoria máxima, conhecer a si mesmo, voltar-se para o seu interior.

Para Lukács (2012, p.22) a análise ontológica de Marx torna evidente a “maneira como a ciência ascende a partir do pensamento e da práxis da cotidianidade, em primeiro lugar do trabalho, e sempre a este retorna, fecundando-o.”. Nessa passagem, Lukács sugere a função ontológica do trabalho, essencial para a mediação entre as esferas do ser social: o homem e a sociedade, a natureza orgânica e natureza inorgânica. Entretanto, conforme ressalta Sartori (2010, p. 30) “deve-se lembrar - desde já - que o trabalho não é a única mediação ontologicamente fundamental; ele tem esse caráter somente à medida que pode ser analisado em relação com as outras mediações não menos importantes...”.

Por sua vez, Habermas ao falar da reprodução da vida humana, que culmina no *homo sapiens*, é categórico: “trabalho e linguagem são anteriores ao homem e à sociedade.” (1983, p. 118), entretanto, ele ressalta a pressuposição da linguagem nesse processo evolutivo, portanto, o trabalho não é a categoria preponderante no ser social, essa é a base conceitual de sua *teoria do agir comunicativo*<sup>9</sup>, que é a articulação do trabalho com a fala (o que Habermas chama de mundo da vida). A formação da linguagem e de suas mais diversas formas lógicas é visto pelo autor como o elemento primordial na sociabilidade humana<sup>10</sup>. Logo, desconfiemos que Habermas ignora as colocações de Marx n’A *Ideologia Alemã*, onde Marx (2007, p.34-35) aponta a linguagem enquanto um momento do desenvolvimento do ser social e enquanto uma manifestação material da consciência, que se desdobra do ato ontológico:

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens.

Em outros momentos nessa mesma obra, Habermas (1983) também critica a concepção de teleologia como imanente à história (p.122), e também cita Lukács (na p. 124) para dizer que o conceito de totalidade social adotado por ele, e também por outros marxistas, impede a concepção de um modelo segundo estratos porque a ideia de superestrutura concentra todos os fenômenos sociais. Essas e outras formulações feitas pelo autor tomam por base uma dedução antropológica que tem por objetivo último estabelecer a gênese do ser social.

As indicações feitas por Lukács, por serem realizadas tendo um cunho ontológico, são, em última instância, opostas às realizadas por Habermas, inclusive a respeito da linguagem<sup>11</sup>. Fortes (2016, p. 47), de forma sucinta, resume o objetivo das determinações de Lukács ao analisar o decurso histórico da autorreprodução humana:

<sup>9</sup> Entretanto a teoria do agir comunicativo é profundamente tratada em outros livros, sendo os principais: *Consciência Moral e Agir comunicativo*; *Teoria do agir comunicativo*.

<sup>10</sup> Ver Habermas (1983) p.14.

<sup>11</sup> Lukács (2013, p.46) trata a questão da linguagem - levando em consideração sua singularidade e sua generalização - da seguinte maneira: “A única coisa que nos interessa agora é constatar que a linguagem é a

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

o homem é definido como um ser que se autorreproduz, deste modo, não há elementos anteriores à sua própria existência, um atributo transcendente que ponha a essência do humano como uma anterioridade necessária ao próprio mundo.

A forma como Lukács vai enxergar o desenvolvimento social, tem como base a produção (individual e coletiva) e a reprodução da sociedade, porém para pensar a produção é preciso pensar a totalidade social que a envolve, pois

desta maneira, coloca tanto o indivíduo quanto o complexo social total em relação recíproca e reflexivamente determinante. Isso pode ocorrer quando se considera não o indivíduo isolado frente à sociedade, mas a relação mesma em que os indivíduos se produzem e se reproduzem; trata-se de relações sociais concretas e historicamente concebidas. (SARTORI, 2010, p.41).

Quanto a crítica a ideia de teleologia, Habermas sugere um determinismo histórico na análise marxiana. Lukács rebate de forma sistemática esse argumento, sobretudo apontando para o pôr teleológico<sup>12</sup> como essencial de toda práxis humana, dele se desdobra o desenvolvimento de um campo de possibilidade - limitadas pelas leis de causalidade social - que permite o desenvolvimento humano enquanto uma tendência, não enquanto uma determinação. Isso fica mais claro nesta passagem onde Lukács (2010, p.48) diz:

o pôr teleológico jamais vai se tornar um princípio de movimento dos objetos em processo oposto ou vinculado à causalidade. O processo que esse tipo de pôr desencadeia permanece sempre causal em sua essência. Em todos os atos teleológicos do metabolismo da sociedade com a natureza, esses casos existentes independentemente deles – embora em muitos aumentem em número com o desenvolvimento – desencadeiam regularidades da natureza descobertas na preparação de tais atos; estes podem impor-lhes uma nova forma de objetividade que ainda não existia na natureza (pensemos novamente na roda), mas isso tudo não muda em nada o fato básico de que pelo pôr teleológico se

---

satisfação de uma necessidade social que surge ontologicamente, em decorrência da relação dos homens com a natureza e entre si, e que justamente nessa duplicidade de exigências contrapostas, justamente nessa contraditoriedade dialética, deve e pode ser realizada em termos práticos. É por isso que o duplo movimento em direções contrapostas caracteriza o desenvolvimento de toda língua viva. Por um lado, expressões da vida cotidiana deslocam-se ininterruptamente para uma esfera de generalização cada vez maior, ininterruptamente palavras da linguagem cotidiana adquirem tal significado extremamente generalizado (basta ter em mente a palavra “geral”, mas também os termos greco-latinos usados nas maiores generalizações eram antigamente, na língua viva, expressões para fenômenos cotidianos). Por outro lado e simultaneamente, dá-se um movimento oposto na direção de um determinar individualizante, como surgimento de novas palavras ou de novas nuances de significado das palavras já em uso. Todavia, essas tendências operam predominantemente na totalidade dinâmica do conjunto do seu desenvolvimento. Todo uso individualizado da linguagem suscita – a partir de um ou de outro lado – a problemática aqui indicada, e não há caso singular da vida em que possa ser encontrada uma resposta totalmente isenta de problemas. Só o conjunto das tentativas de superação das contradições é que resulta na constituição essencial da linguagem: sua existência seu movimento, e isso de tal modo que ela é reproduzida como um meio cada vez mais adequado – jamais perfeito – de satisfação das duas necessidades. A contraditoriedade das duas direções provém do ser social do homem. Por sua contraditoriedade, o movimento se torna o fundamento da peculiaridade, da fecundidade inesgotável da linguagem.”

<sup>12</sup> Lukács entende como pôr teleológico a ação laboral do ser social que possui a especificidade de ser a realização objetiva de um ato/fim antecipadamente ideado.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

desencadeiam séries causais; pois conexões, processos teleológicos próprios etc. não existem em si de modo algum.

Fortes (2016, p. 49) afirma que “o pôr teleológico é o veículo central do ‘homem’, a ‘categoria elementar específica’ do ser social.”. E ainda sugere “o ‘pôr teleológico’ como a caracterização mais geral de toda atividade humana”. Ademais, Fortes (2016) aponta que são igualmente formas particulares de pôr teleológico a política, a arte, a filosofia e etc, mas é na análise do trabalho que é possível compreender a forma mais integral dessa atividade. Essas formas de teleologias particulares deixam, de maneira evidente, como sugere Sartori (2010, p. 42) a “indissociabilidade das esferas do trabalho, tido como protoforma, e da interação humana baseada na comunicação”, levando-se em consideração que, ao mesmo tempo, o trabalho depende das mais complexas mediações da práxis social. Nesse momento, é importante ressaltar que no modo de produção capitalista o trabalho tem um papel histórico particular, marcado pela divisão social do trabalho, que se manifesta, nas palavras de Marx (2007), na divisão do trabalho material e do trabalho espiritual (intelectual). Ou seja, um horizonte social que almeje uma superação e a construção de uma nova sociabilidade passa pela extinção da divisão social do trabalho, nos moldes postos na sociabilidade burguesa, onde o trabalho material é apropriado e fonte da produção de valor. Portanto, colocamos a distinção da nossa visão de totalidade em Lukács, divergindo da perspectiva de Habermas<sup>13</sup>.

Com efeito, ratificamos que a perspectiva epistemológica-gnosiológica se preocupa com a edificação de uma teoria do conhecimento balizada na arquitetura mental. Nesse sentido, como nos traz Chasin (1988), é o Idealismo Subjetivo de Descartes e Kant que põe o primado da dimensão gnosiso-epistêmica no mundo moderno, portanto, o primado do subjetivo. O racionalismo de tais autores crê em uma razão ou em um indivíduo racional autonomizado, deslocado da História, puro. O momento racional da filosofia/ciência, se torna um momento de afastamento do real, uma intelecção/abstração/ideação que se faz acima do mundo humano, o homem iluminado pela razão conforme as obras iluministas.

No método científico dialético de Marx, a razão é entendida na história efetiva, concreta humana, sem, no entanto, cair no relativismo historicista. Marx trabalha com o homem concreto da vida histórica-efetiva, enquanto os racionalismos modernos (entre eles os positivismos) trabalham com a possibilidade do homem especulativo. O positivismo, como visto – ainda presente na resolução da Matriz circular - para além de contar com sujeito a-histórico, impõe o naturalismo aos objetos humanos/sociais, dando a eles leis supra-humanas e imutáveis, naturais. É conservador enquanto epistemologia, pois fetichiza as relações sociais burguesas.

Ainda, ao separar, ao isolar os objetos sociais, negando sua relação complexa e recíproca de determinações, perde a totalidade objetiva, o objeto em sua integridade perde

---

<sup>13</sup> Como nosso foco aqui neste trabalho é uma crítica a proposta feita por Paula (2015), julgamos oportuno trazer algumas questões tratadas por Habermas (por ser sua base teórica) e que conflitam com nosso embasamento teórico, entretanto aqui não será o espaço para tratamento profundo de todas as questões conflitantes, trouxemos aquelas que enxergamos serem essenciais para desenvolvimento argumentativo. Sugerimos para uma crítica mais profunda: “István Mészáros, CAP. 3.2 - A teoria crítica de Adorno e Habermas. In: *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Ensaio, 1996.” e “Sérgio Lessa, CAP. VII: Lukács vs Habermas. In: *Mundo dos Homens: Trabalho e Ser Social*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.”



# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

a dimensão ontológica e cria objetos artificiais de estudo, através de uma arquitetura mental de pressupostos e procedimentos que constroem e circunscrevem objetos parcelares. Recai na imposição/imputação subjetiva sobre a objetividade. A quarta falha positivista, também já citada, é de permanecer na análise do empírico que é o imediato/aparente.

Definitivamente o “método científico dialético” é diferente do método científico que parte da dimensão gnosiso-epistêmica (imputação/imposição subjetiva sobre o real): Marx, por sua apreensão ontológica instauradora, trabalha em seu método científico com o primado do objeto. É este, em sua completude complexa de determinações, que pode “dizer” de si mesmo (ou seja, não constrói objetos, não faz imputação subjetiva). Há a posição definida de que o objeto deve e pode ser apreendido diretamente em sua integridade, em sua essência, no objeto dado em sua totalidade. É a afirmação da potência da razão, mas não no sentido subjetivista ou a-histórico. É, portanto, no sentido de apreensão da totalidade do objeto (coisa, ser) que existe por si mesmo – sem imposição subjetiva - que a razão deve se mover, no sentido da apreensão ontológica.

Se a consciência concreta é do ser individual, podemos dizer que o conteúdo consciencial depende do sujeito coletivo ou da perspectiva de sujeito coletivo na qual se encontra esse sujeito individual. Nesse sentido, não se admite o cientista especulador, o sujeito especulativo, retirado da história. Assim, são as condições históricas que limitam ou facilitam o conhecimento da consciência, dando condições menores ou maiores de apreensão do objeto, dos objetos sociais em suas lógicas específicas, e não apenas sua capacidade individual de fazer um agrupamento epistêmico. Com efeito, quanto mais rico for o objeto, mais capaz e preparado o pesquisador precisa ser, assim, não se nega a capacidade de criatividade e inteligência do indivíduo, ao revés, carece-se de potencial e seus conhecimentos para que se consiga apreender o movimento do real.

A clivagem histórica fundamental no capitalismo é clivagem de classes, portanto, o sujeito do conhecimento integrado na história é dependente não só do rigor de sua atividade de consciência, mas dos limites postos pela perspectiva de classe, isto é, a dimensão cognitiva do sujeito está aliada à perspectiva de classe assumida. É a posição objetiva da classe que lhe põe sócio-historicamente mais potencializado ou menos potencializado a apreender as complexas e recíprocas determinações do ser social. É sua posição objetiva na esfera social de reprodução da vida material, esfera econômica que lhe põe em condições de menor ou maior “mirada”, de apreensão da totalidade objetiva.

É evidente, registramos, que não basta ser da classe ou assumir a perspectiva da classe de “maior mirada”, é preciso o rigor da consciência individual nessa posição favorável de apreensão. Destarte, expomos os pontos distintos e importantes no método de Marx: 1) sua preocupação é ontológica, portanto, quer captar a totalidade objetiva e tem seu método científico baseado na primazia do objeto, na sua existência dada por si, do afastamento das imputações subjetivas modernas ou das construções de objetos parcelares positivistas. 2) o sujeito está circunscrito em posições históricas, fundamentalmente, a classe, e é essa clivagem que lhe permitirá aproximar mais ou menos da apreensão ontológica e lógica dos objetos sociais<sup>14</sup>. Ainda, como afirma Chasin (1988), o método científico de Marx não nega o discurso rigoroso, mas nega o discurso rigoroso que se

---

<sup>14</sup> Entretanto é a ausência de uma consciência de classe e a posição ideológica burguesa que afasta o sujeito das circunstâncias que o cerca.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

auto-legítima por (e) de pressupostos e procedimentos, criando objetos e assumindo seu mentalismo como chegada à verdade. O objeto já existe com sua lógica fora do discurso subjetivo, o discurso é atividade da consciência que o reconhece. São as categorias sociais, os objetos sociais, em sua realidade concreta e em sua lógica específica e processual que dão a possibilidade do filósofo/cientista, do sujeito cognitivo chegar ao real pensado.

Ratificamos que não se precisa ser da classe, mas assumir a perspectiva objetiva da classe. Vejamos o caso de Engels, que era um industrial. Chasin (1988) explica que a maioria dos trabalhadores não são proletários. Nesse sentido, na perspectiva marxiana, a posição proletária/trabalhadora/operária é aquela que oferece maior capacidade de vislumbrar a totalidade objetiva. Assim o é, porque a burguesia desloca-se de uma posição de práxis social transformadora ou ontoprática, revolucionária cuja verdade, a totalidade objetiva é necessária contra toda mistificação hegemônica do medievalismo, de 1500 a 1800, *en passant*, temos essa transição material, contudo, a partir de 1848 temos o marco inicial de sua trajetória para uma posição de classe dominante, conservadora, mistificadora, contrária a continuidade prático-crítica:

Naquele momento, que é um largo momento de alguns séculos, a burguesia tem necessidade da verdade. Ela precisa da verdade para constituir o seu mundo. Ser objetiva corresponde às suas necessidade sociais. Ela então efetiva uma cognição objetiva. A partir de meados do século passado, a burguesia entra numa outra fase, numa fase em que, consolidado o seu poder, estruturada em todos os níveis a sua dominação, o prosseguir da efetuação do conhecimento objetivo leva a abalar a sua posição de dominação. Do ponto de vista intelectual, a verdade passa a ser inimiga de classe. O seu conhecimento tem de passar a ser um conhecimento que veda a possibilidade da objetividade. Não é uma escolha dos indivíduos da burguesia, é uma determinação coletiva de classe. Ela tem que recusar até mesmo os princípios com os quais ela lidou e a partir dos quais ela articulou a sua compreensão efetiva de mundo. Agora a sua compreensão de mundo tem de ser no mínimo uma barragem ao entendimento (CHASIN, 1988, p. 8).

Portanto, se em algum momento o conhecimento burguês se preocupa com a verdade, em outro momento ele necessita tão somente em expor no campo das ideias os aspectos fenomênicos do real. É a queda, a decadência de sua Ideologia, Ideologia burguesa vulgar, que tem a função de estabelecer uma forma de vida social, ora podendo lidar com a verdade, ora podendo lidar com o conservadorismo limitador, dependendo dos acontecimentos da processualidade histórica, numa moral flexível. Assim, a Ideologia passa a ter que universalizar interesses particulares a todo custo, naturalizar essa forma de vida social, camuflar seu cerne de exploração.

Só uma outra classe, contraposta a essa, é que pode denunciar a falsidade da primeira. Não também porque seja uma classe que ame a verdade acima de tudo. Porque ela tem necessidade da verdade para derrubar a verdade falsa da outra. A luta entre verdadeiro e falso corresponde, no campo da compreensão, do conhecimento teórico, ao mesmo jogo e luta de interesses no sentido infra-estrutural. Conhecer é credenciar-se ao poder. É por aí que fundamentalmente Marx colocava: socialismo é ciência. Não há socialismo sem ciência. Isto é, não há socialismo sem conhecimento da própria classe que pode construir o socialismo e de todas as outras classes com as quais a classe revolucionária convive em harmonia contraditória. Ou melhor, em

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

articulação contraditória. A falsidade socialmente necessária é ideologia. O pensamento falso, que é necessário à sobrevivência de certo tipo de sociedade, para a sobrevivência de certo tipo de classe social, é o pensamento falso, que precisa ser produzido e tornado dominante, é o pensamento ideológico (CHASIN, 1988, p. 11).

Por fim, completamos o que é preciso para o método científico dialético de Marx: 3) que os objetos sociais já tenham uma certa maturação para serem analisados. 4) A janela de primeiro contato com o real é o aparente, pela imediaticidade, sua forma mais visível, contudo é preciso aprofundar em busca da essência do objeto social, na sua lógica específica objetivada pela interatividade humana, ir até a complexidade relacional de suas determinidades e depois fazer a crítica do aparente, da imediaticidade, da pseudoconcreticidade. Há, para isso, dois instantes do real que se reflexionam: a essência que é sua configuração verdadeira de relações genéticas e a aparência, que é sua manifestação imediata e empírica, mais explícita na cotidianidade. Esses instantes não são distintos, não há uma essência apartada de uma aparência, por isso parte-se do imediato, do que se dá a observação. A essência é a configuração verdadeira do Ser por constituir as relações determinantes universais que estabelecem o campo de ação do singular, e é na atividade do Ser singular sobre esse campo de ação universal e - também particular - que a aparência permite chegar a essência e igualmente alterar a essência desse ser social.

Entre aparência e essência pode haver uma diferença abismal, o que demanda a necessidade da filosofia e da ciência de caráter ontológico e não de caráter epistemológico-gnosiológico, promovendo a saída da empiricidade para a concreticidade. A essência em Marx, no entanto, não é a essência cosmológica das ontologias Idealistas Objetivas anteriores: algo imutável e supra-humano. Para Marx, a essência, o complexo concreto de determinações, constitutivos do ser social é mutável, sendo toda objetividade social subjetividade posta, objetivada na processualidade das transformações humanas, tendo como primazia a própria objetividade. São estes os elementos ontológicos do Materialismo Humanista e da Historicidade.

Em resumo, vejamos como o método científico de Marx tem o primado do objeto, que é preciso chegar a essência imanente do mesmo, de suas determinações integrais, mais possibilitado pela perspectiva de classe trabalhadora que não tem qualquer comprometimento com a mistificação das relações sociais; que, ainda, necessita-se do objeto bem desenvolvido/maturado e que o caminho a traçar vai da empiricidade caótica às abstrações razoáveis até chegar ao concreto pensado em sua objetividade una (ainda que mutável).

É nesse sentido que se pode afirmar que a utilização da razão na perspectiva trabalhadora, do estamento mais prejudicado no estranhamento/auto-alienação/vida reificada, é a utilização da razão em seu maior grau dentro do capitalismo para reconhecer a totalidade objetiva. É o máximo onde pode chegar razão nesse momento histórico. Assim é, que a razão dentro da história, o sujeito racional histórico tem na sua clivagem histórica o limite de apreensão da totalidade objetiva, mas a humanidade contém em si a potencialidade infinita de conhecer-se, de auto-consciência. Não há relativismo nem hibridismo, há possibilidade de perspectivas históricas em determinado momento acessarem mais a essência do real, o concreto, a verdade, a totalidade objetiva.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

## 4 Matriz Circular: mais do mesmo?

Delimitada nossa posição científica e a defesa do primado ontológico, e também a nossa posição frente algumas categorias que consideramos centrais para o tratamento da proposta científica do nosso objeto, dedicamos os apontamos finais sobre a proposta de Paula (2015).

O círculo das matrizes epistêmicas traz uma série de subjetivações, passíveis de críticas, vamos a algumas delas: a) abordagem sociológica e as teorias metodológicas se apresentam como tendo relação apenas com a matriz hermenêutica (na figura 1, o azul da identidade); b) as matrizes não possuem limites claros umas com as outras, logo, a representação (teórica e geométrica) sugere que não há permeabilidade entre as seções, logo contém os mesmos limites dos quadrantes criticados pela autora, só que nesse caso em outra figura geométrica; c) sobre a existência de uma hierarquia cuja crítica está sempre submetida à uma técnica e ou prática, posicionamento que discordamos, talvez haja preponderância de uma ou outra instância dependendo das necessidades de condição material, mas nunca estabelecer uma hierarquia.

d) O interesse técnico não é visto como um interesse prático. O mesmo pode ser dito para o interesse emancipatório, pois, o mesmo pode ser tanto prático quanto técnico, assim como o interesse prático pode ser um interesse técnico e vice e versa. A autora não esclarece essa separação, mas os mantêm bem delimitados, isso sugere uma visão de que a “emancipação” almejada pela autora só será no possível no nível de uma construção teórica, em uma espécie de idealismo ativo, isto é, a emancipação seria, portanto, a filosofia agindo de maneira hermenêutica para mediar os interesses técnicos e práticos, cuja preocupação não é o método em si, mas o uso que é feito dele, isso está evidente, contudo, como demonstramos, ao partir de uma perspectiva epistêmica, parcelar, a-histórica e assentada sobre as ocultações do sistema científico vigente, o círculo das matrizes apenas ampliam o fôlego do estatuto científico vigente e podem contribuir com a ampliação da alienação do trabalho. Vale ressaltar que o idealismo de grandes autores (vide Habermas, Kant, Descartes, vide a Revolução Francesa e os ideais iluministas), ainda que guiados por princípios humanísticos, podem ser absorvido pelo sociometabolismo do capital e virar-se contra a maior parte da população, por isso Marx (2007) não deixa dúvida: os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.

A ciência precisa ser comprometida com a construção de conhecimento sobre o real, realizando a denúncia das condições de exploração e alienação em que os seres humanos são submetidos na sociabilidade burguesa baseada na produção de valor, sendo a emancipação humana apenas possível por meio da práxis, na intervenção sobre o real para transformá-lo.

Mas, afinal, qual tem sido a contribuição dessa matriz circular? É certo afirmar que a junção proposta por Paula (2015) é derivada da dimensão epistemológica, portanto, uma imputação do subjetivo na objetividade, uma imposição de perspectivas não ontológicas, que resultam no método científico que arregimenta procedimentos e pressupostos mentais para se chegar a verdade. Vejamos que a verdade continua sendo encaminhada pela via mental, subjetiva e não pelo descobrimento do ser. O objeto não obtém primazia. É a mente que se organiza para construção do objeto, pondo-se como caminho da verdade,



# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

enganando-se a si mesma, pois nada descobre, apenas inventa conceitualmente, sem reconhecer a dinâmica real e ontológica dos objetos sociais.

Paula (2015) aceita tomar o desdobramento prático como resultado de luta discursiva e não como resultado de necessidade real<sup>15</sup>. Isso acaba por demonstrar que o terreno protegido de invasores e o cercamento de terras nos chamados “estudos organizacionais” se dá mais pela disputas de ordem superior do que pela incomensurabilidade dos paradigmas. A incomensurabilidade parece ser o argumento discursivo acionado pela autora para reivindicar essas disputas. Nesse sentido a defesa das “pontes” realizadas por Paula (2015) pouco tem de comprometimento com o real, no sentido da práxis e da emancipação humana, o que para nós é fundamental.

Paula (2015) aponta com maestria que há no processo de construção do conhecimento um obstáculo: a “incompletude cognitiva”, porém por atuar no e a partir do ponto de vista gnosiológico, ela resolve essa incompletude propondo a reconstrução epistêmica por meio da matriz. Logo, destaca a sua preocupação não com a realidade e a lógica interna do objeto, mas com a realidade apreendida pelo sujeito cognoscível em sua relação direta com o objeto, logo uma realidade subjetiva do objeto, dessa forma, a apropriação do real é referente, no melhor dos casos, a sua forma imediata e aparente. Porém, a solução dada não possibilita o encontro com a verdade, trata-se de mais do mesmo, posto que a incompletude não deriva de supostas “deficiências” nos paradigmas. As perguntas feitas a partir de cada paradigma oferecem uma resposta que não pode ser considerada incompleta se não estiver em sua base, a compreensão da totalidade (em sua dimensão categórica). Assim, como esses paradigmas não se assentam na natureza do objeto, e nem se colocam dispostos a fazê-lo, eles não carecem ser aprofundados.

Contudo, ao partir da categoria da totalidade e do ponto de vista ontológico, como tentamos apresentar aqui, percebemos que o conhecimento produzido pela ciência moderna é incompleto porque não expõe a lógica interna do objeto, por isso, a necessidade de uma abordagem ontológica. Entretanto, mesmo a partir de um ponto de vista ontológico, há uma incompletude cognitiva, porque pela essência do ser social, pesquisadores individuais aproximam-se do real concreto por meio do real pensado. Compreender os determinantes do ser social em seu movimento de totalização carece, antes de mais nada, não uma reformulação de matrizes epistemológicas, mas assumir o ponto de vista ontológico e superar a noção de construção do conhecimento centrado no indivíduo singular, em suma, é necessário superar a reprodução do ser social enquanto indivíduo racionalmente egoísta.

Ademais, Paula (2015) parece desconsiderar as relações de dominação socioeconômicas e políticas estabelecidas na sociedade burguesa na sua proposta de “matriz circular”, o ‘diálogo’ que a autora visa promover tem como base uma sociedade dividida em classes, e que diante deste fato já possui condições de dominação previamente estabelecidas e condicionadas, a ‘incompletude cognitiva’ é reflexo da ação de indivíduos

---

<sup>15</sup> Lukács (2012, p. 69) é crítico a respeito desta questão: “O neopositivismo, como vimos, deseja resolver essa questão pela exclusão de toda ontologia, pela simples unidade da ‘linguagem’ científica e pelo seu tipo de manipulação logicista. Desse modo, todas as formas específicas de ser forçosamente perdem sua particularidade interna, devendo ser tratadas segundo o modelo – conforme a interpretação neopositivista – da física moderna”. Nas páginas 58 e 59 o autor também trata desta questão.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

de diferentes classes sociais, sendo a ordem social burguesa estabelecida e guiada em prol de interesses específicos de classes específicas: predominantemente da classe burguesa. A superação dessa “incompletude cognitiva” está muito além do estabelecimento de um “diálogo epistêmico” ou de uma ação comunicativa racional, mesmo porque, a troca comunicativa estabelecida entre os indivíduos não pode ser reduzida um caráter puramente racional e ou epistêmico.

A condição em que os ‘diálogos’ são estabelecidos na sociedade burguesa, são diálogos que representam interesses de classes distintas, interesses reciprocamente excludentes, sendo assim, interesses específicos de cada classe (isso não significa, entretanto, que um indivíduo não possa defender o interesse oposto ao de sua classe). Mesmo assim, pensar no estabelecimento de um diálogo horizontal, espontâneo, sem levar em conta todos esses determinantes, trata-se do mais genuíno idealismo. Logo, a proposta de Paula (2015) que se apresenta como uma nova “teoria do conhecimento” em busca do diálogo e da superação de diferenças, e que se apresenta como uma forma de construir um consenso, acaba no fim das contas, por corroborar para com a aceitação das relações de classes que estão estabelecidas na ordem burguesa, isto é, reforça o estabelecimento da ordem do capital, abrindo inclusive, novos caminhos para a produção do valor, por exemplo, a partir do estabelecimento de um “diálogo transversal” - pois ignora a existência de interesses opostos entre as classes sociais - o que pode trazer ganhos em termos de produtividade na valoração do valor. É impossível, nesse panorama apresentado pela autora, vislumbrar um horizonte emancipatório. Não encontramos uma “filosofia primeira” na matriz circular, não há produção da Teoria do Ser, mas um remendo gnosiso-epistêmico. O que prova que a “mistura” se dá entre epistemologias, uma vez que não seria possível a combinação de ontologias diferentes, entendendo que a afirmação do ser que é só pode ser uma, *una* e definitiva.

Analogamente, lembramos que Descartes (2006), em seu “Discurso do Método”, compara uma árvore com o estudo da sabedoria onde as raízes são a metafísica; o tronco é a física e os ramos são as ciências, de onde saem os frutos, no entanto, tomando o método ontológico marxiano por referência, se a sabedoria é uma árvore deveria ter um solo e não estar suspensa no ar.

## 5 Delimitando Algumas Posições

Dentre as considerações prévias deste ensaio, acreditamos que o funcionalismo reforça o capital e, portanto, é um obstáculo para a realização do interesse cognitivo emancipatório da matriz crítica (LOWY, 2000). Nossa intenção consistiu em questionar o círculo das matrizes epistêmicas, acreditamos, sim, que a incompletude cognitiva por si representa motivos suficientes para pesquisadores inquietarem-se em suas posições e buscarem novas alternativas para compreender a complexidade da sociedade capitalista. Nosso argumento se baseia na dificuldade existente dos pesquisadores da matriz dominante em ampliar sua visão de mundo para além da eficiência e eficácia que se concretiza como atividade sensível reprodutora, práxis social fetichizada, distanciamento da totalidade objetiva. Explica Lowy (2000, p. 109) “a ideologia burguesa não implica a negação de toda ciência, mas a existência de barreiras que restringem o campo de visibilidade cognitiva”. Afinal, em que seção de uma livraria deveríamos buscar a obra “O

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

18 de brumário de Luís Bonaparte” de Marx, em História? Economia? Filosofia? Sociologia? Em nenhuma delas e em todas elas.

Sobretudo, defendemos que o problema central da hegemonia da ciência burguesa é que ela vai além do domínio dos congressos e periódicos científicos, exercendo um poder devastador sobre o desenvolvimento das descobertas científicas, sobre a vida dos pesquisadores e finalmente, sobre a sociedade de um modo geral. Não se nega a importância da técnica para a vida humana. Marx já apontava o trabalho como transformação da natureza pelo homem, numa perspectiva habermasiana, trabalho e ação como um agir instrumental, entretanto, a segunda fase da emancipação, que seria o agir comunicativo não se completa, pois os interesses que movem os pesquisadores com essa vertente epistemológica não é o desenvolvimento da ciência e, tampouco, melhores condições de reprodução da vida humana em sociedade, para muitos o interesse é apenas individual, uma cápsula individual humana (IASI, 2006), que funciona em torno de si mesmo. Noutras palavras, a verdade está para além dos paradigmas, e (re) construções epistêmicas, pois os fenômenos não são objetos estáticos e pré-definidos que serão revelados pela teoria de conhecimento adotado pelo pesquisador, a verdade está dada por meio das múltiplas mediações que a fazem concreta e sua reprodução ideal na mente de quem a estuda se dá por meio da compreensão ontológica, por suas categorias a partir do objeto, portanto, dinâmicas, móveis, dialéticas, ou seja, a posteriori, uma investigação guiada pela busca do real.

Destarte, diante da crítica ao estágio atual da ciência, considerando a teoria do círculo das matrizes epistêmicas (PAULA, 2015), acreditamos não compartilhar do mesmo horizonte de liberdade humana compartilhado por Paula (2015), visto que seu panorama de superação do tecnicismo se dá por meio de uma reflexão reivindicada como crítica, que no entanto, estabelece uma relação de reforma ao estatuto científico vigente no status quo dos “estudos organizacionais” e a proposta se resume a um patamar idealista conformada em se estabelecer apenas na ordem epistêmica ao propor uma nova “teoria do conhecimento” nas ciências sociais, uma vez que a adoção da nova teoria de conhecimento não supera a concepção de ciência burguesa, que é parcial, apenas permite que novas combinações sejam feitas com os interesses cognitivos diferentes, portanto, não possibilita a apreensão do movimento do real emancipatório (superação da contradição capital *versus* trabalho), mas sim reforça e traz alternativas para o interesse burguês. Apenas “desconstruir”, ou “dialogar” através de construções epistêmicas não possibilitará a superação da aparência fenomênica, uma vez que o alcance do real se dá pela primazia da natureza da coisa do que sobre as técnicas de análise da coisa. Delimitar a análise dos fenômenos dentre os muros dos “estudos organizacionais” de inspiração weberiana - constituído por abstrações arbitrárias - limitam o potencial de investigação da realidade concreta, visto as marcações ideológicas institucionais e essencialmente corrobora para a universalização de interesses particulares, interesses burgueses.

Como nos ensinam Paço-Cunha e Ferraz (2015,p.193),

o desenvolvimento dos marxismos nos estudos organizacionais é um tema que merece atenção não tanto pelos vínculos históricos e pelos enlaces de importantes autores no século XX, mas muito mais em razão de resguardar, no interior mesmo desse campo de estudos, o potencial processo autoconstitutivo ao infinito do gênero humano; algo que confronta a dominância das formas teóricas míopes às contradições sociais e, mais importante, a corrosiva invasão das variadas versões do irracionalismo.

# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

Diante do exposto, defendemos que o aprofundamento dos estudos baseados na teoria marxiana possui capacidade explicativa para compreendermos a complexidade dos fenômenos contemporâneos. Nossa tese se baseia no fato ontológico do materialismo histórico e no método dialético ser capaz de desvendar as contradições existentes na realidade, uma ciência crítica de tendência não-epistêmica e não-paradigmática do ser social, que não tem a pretensão de ser uma teoria de conhecimento, pois não define um procedimento lógico formal a priori e cuja categoria elementar é a totalidade que está comprometida com a emancipação humana.

## REFERÊNCIAS

- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução de Sérgio Bath. 5e. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BO, G. D.; BIEGELMEYER, U. H.; GANZER, P. P.; OLEA, P. M.; DORION, E. C. H. O que é ciência? Uma reflexão acerca das percepções de alunos de doutorado em administração analisadas sob a perspectiva de Edgar Morin e do paradigma da complexidade. **Administração: Ensino e Pesquisa**. v.16, n.3, p. 453-475, 2015.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento - I: de Gutenberg a Diderot**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáfora discursos e genealogia da análise. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W.; CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (orgs.) **Handbook de Estudos Organizacionais**. Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais (Volume 3). São Paulo: Atlas, 1998. p. 439-462.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organisational Analysis**. Elements of the Sociology of Corporate Life. Vermont: Ashgate, 1979.
- CARRIERI, A. de P.; PAÇO-CUNHA, E. **Notas provisórias sobre o desenvolvimento e a superação dos estudos organizacionais**. In: XXXIII Encontro da ANPAD. São Paulo, 2009.
- CHASIN, J. **Superação do Liberalismo** – transcrição literal das aulas ministradas durante o curso de pós-graduação em Filosofia Política, promovido pelo Dep. De Filosofia e História da Universidade Federal de Alagoas, de 25/01 a 06/02 de 1988
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução de Ciro Mioranza. Série Filosofar. São Paulo: Escala, 2006.
- IASI, M. L. **As Metamorfoses da Consciência de Classe: o PT entre a negação e o consentimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.219-262
- FORTES, R. V. As três determinações fundamentais da análise lukacsiana do trabalho: modelo das formas superiores, prioridade ontológica e abstração isoladora - Crítica da ideia de centralidade do trabalho em Lukács. In: **Revista Verinotio**, nº 22, p.44-75. Belo Horizonte, 2016.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Brasília: Editora Brasiliense, 1983.
- KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**, University of Chicago Press, Chicago, 1962.



# VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

[Florianópolis - SC]

[Brasil]

[26 a 28 Abril - 2017]

LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Muchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. Tradução de Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUKÁCS, Gyorgy. **Conversando com Lukács**. São Paulo: Terra e Paz, 1969.

\_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse**. Trad. de Mario Duayer. São Paulo: Boitempo, Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia**: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **O capital I**: crítica da economia política. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PAES DE PAULA, A. P. **Repensando os Estudos Organizacionais**. Por uma Nova Teoria do Conhecimento. Rio de Janeiro: EdFGV, FAPEMIG, 2015.

\_\_\_\_\_. Para Além dos paradigmas nos estudos organizacionais: o círculo das matrizes epistemológicas. IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. **Anais...** Florianópolis, 2014

\_\_\_\_\_. Para Além dos paradigmas nos estudos organizacionais: o círculo das matrizes epistemológicas. **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, nº 1, Jan./Mar. 2016.

PAÇO-CUNHA, E. **Gênese, razoabilidade e formas mistificadas da relação social de produção em Marx**: a organização burocrática como abstração arbitrária. Tese (Doutorado). UFMG, Belo Horizonte, 2010.

PAÇO-CUNHA, E.; FERRAZ, D. L. S. Marxismo, estudos organizacionais e a luta contra o irracionalismo. **O&S**, v. 22, n. 73, p. 193-196, abr./jun., 2015

SARTORI, V. B. **Lukács e a crítica ontológica ao direito**. São Paulo: Cortez, 2010.

SIEGLER, J.; BIAZZIN, C.; FERNANDES, A. R. Fragmentação do conhecimento científico em Administração: uma análise crítica. **RAE**.v.24, n.3, p.254-267, 2014.

TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2016.